

Referências

- CASTRO, M.S. Tradução ética e subversão: desafios práticos e teóricos. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.
- SOUSEKI, Natsume. *Eu sou um gato*. Cap I. SILVEIRA, Luciano Vieira da. Trad. 2007.
- SOUSEKI, Natsume. *Eu sou um gato*. TEIXEIRA, Jefferson J. Trad. São Paulo, Ed. Estação Liberdade, 2008.
- SOUSEKI, Natsume. *Wagahai wa neko de aru*. Tokyo: Kodansha, 1998.
- SUZUKI, T. As expressões de tratamento da língua japonesa. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- YAMASHIRO, José. História da cultura japonesa. São Paulo: Ibrasa, 1986.

Tudo se ilumina e os jogos de linguagem

Julia Karl Schwinn¹

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise de alguns jogos de linguagem presentes no primeiro capítulo do livro *Everything is illuminated* (2003), de Jonathan Safran Foer, e sua respectiva tradução para o português, *Tudo se ilumina*, feita pelos tradutores Paulo Reis e Sergio Moraes Rego e publicada pela editora Rocco, em 2005. O capítulo escolhido se intitula *Abertura para o encerramento de uma jornada muito rígida* (*An overture to the commencement of a very rigid journey*, no original). Para realizar este estudo, foram utilizados os conceitos de Arrojo sobre compreensão e interpretação e os conceitos de Aubert sobre mensagens e fidelidade, além do suporte de três dicionários: Merriam-Webster e Oxford Advanced Learner's Dictionary, de língua inglesa, e Aurélio, de língua portuguesa. O objetivo deste trabalho é analisar casos onde ocorreram perdas e ganhos na tradução dos jogos de linguagem. Sendo a obra escolhida complexa e que exige muita pesquisa e trabalho com vistas à tradução, este pode ser considerado um bom objeto de estudo e análise.

Palavras-chave: Análise Tradutória. Mensagens e Fidelidade. Compreensão e Interpretação.

Abstract: This paper presents an analysis of wordplays found in the first chapter of *Everything is illuminated* (2003) by Jonathan Safran Foer, while it also approaches the translated version in Portuguese, *Tudo se ilumina*, by Paulo Reis and Sergio Moraes Rego, published by Rocco, 2005. The chapter selected is entitled *An overture*

¹ Aluna do Bacharelado em Letras (Tradução), em língua inglesa, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora orientadora: Sonia Gehring.

to the commencement of a very rigid journey (Abertura para o encerramento de uma jornada muito rígida in Portuguese). In order to approach this study, Arrojo's notions of comprehension and interpretation, and Aubert's concepts of messages and fidelity were applied. As for the support on vocabulary and definition, three dictionaries were used: Merriam-Webster and Oxford Advanced Learner's Dictionary for English definitions, and Aurélio for Portuguese definitions. The purpose of this work is to analyze cases in which wordplays were successfully translated to Portuguese and others in which they were not. As the chosen literary work is complex and requires a great amount of research and work to be translated, it can be considered a good subject for study and analysis.

Key-words: Translation Analysis. Messages and Fidelity. Comprehension and Interpretation.

Introdução

O primeiro romance de Jonathan Safran Foer (1977-), *Tudo se ilumina* (*Everything is illuminated*), foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 2002. Ele narra uma história que mescla humor e drama e apresenta diversos jogos de linguagem. A versão do livro em português foi publicada pela Editora Rocco, em 2005, e traduzida por Paulo Reis e Sergio Moraes Rego.

A obra conta a história de Jonathan Safran Foer, um jovem recém formado em Princeton que viaja para a Ucrânia armado com uma fotografia de origens duvidosas em que mostra Augustine, a mulher que supostamente teria salvo a vida de seu avô na Segunda Guerra mundial. Lá, ele é recebido por Alexander Perchov, um jovem tradutor-intérprete ucraniano. No entanto, Alexander não é um tradutor comum. Ele possui um inglês "estranho", e muitas vezes nem mesmo o próprio Jonathan consegue entendê-lo. Alexander utiliza substantivos, verbos e adjetivos que não são comumente usados pelos falantes de língua inglesa, mas que possuem o mesmo significado (ou um próximo) das palavras do dia-a-dia, além de cometer ocasionais erros gramaticais.

Por exemplo, Alexander, utiliza palavras como *currency* ao invés de *money*, *miniature brother* ao invés de *younger brother*, *manufacture Z's* ao invés de *sleep*, além de muitos outros termos. Sergio Augusto (2006), em uma resenha crítica publicada em O Estado de S. Paulo intitulada *Uma jornada rígida e inordinária*, diz que "Alex Perchov é um jovem ucraniano que fala e escreve inglês como quem o aprendeu por conta própria, com a ajuda de dicionários desatualizados". Essa parece ser uma boa definição para o personagem e para seu modo de escrever e se expressar em inglês. Por causa das muitas palavras incomuns utilizadas por ele, a leitura acaba não sendo fluida, principalmente para pessoas que não têm o inglês como língua nativa; contudo, torna-se um desafio que possibilita inclusive a apreensão de vocabulário novo.

Quando transposta para o português, essa linguagem única utilizada no livro acaba sendo um grande desafio que o tradutor terá que enfrentar. É preciso recriar o mesmo efeito (ou pelo menos tentar recriar um que seja próximo) da mensagem que o livro tentou passar para os seus leitores na língua de partida. É um trabalho árduo. Por isso, é interessante realizar uma análise da obra no texto de partida e sua tradução na língua de chegada. Será que os tradutores conseguiram reproduzir com sucesso, em português, os jogos de linguagem presentes na obra escrita em inglês?

A nosso ver, nem todos os jogos de linguagem conseguiram ser traduzidos mantendo o mesmo efeito da mensagem do texto original. Lendo a obra em ambas as línguas, é possível notar, em termos gerais, que houve escolhas tradutórias que pareceram transmitir o mesmo efeito dos jogos de linguagem originais, ao passo que outras não obtiveram efeito similar ao equivalente original. Alguns jogos de linguagem foram perdidos, às vezes, por causa da diferença entre as línguas, que se torna uma barreira; às vezes, por causa das diferenças culturais. Outros jogos foram bem reproduzidos no português e conseguiram transmitir uma mensagem similar àquela que pode ser percebida no texto de partida.

Levando em consideração as escolhas feitas pelos tradutores e utilizando os conceitos de Arrojo sobre compreensão e interpretação e os de Aubert sobre mensagens e fidelidade, será feita uma análise de alguns casos de tradução na obra. Nos casos em que houve deficiência na transmissão da mensagem no texto traduzido, pretende-se determinar qual foi o problema no processo tradutório e qual poderia ser a solução para reproduzir essa mensagem. Em casos em que houve sucesso na transmissão da mensagem no texto traduzido, pretende-se analisar os aspectos que determinaram esse sucesso. Para a realização desta análise, foi selecionado o primeiro capítulo da obra, que se intitula *An overture to the commencement of a very rigid journey* (em português, *Abertura para o encerramento de uma jornada muito rígida*, segundo a tradução da editora Rocco).

1 Referencial teórico

1.1 Compreensão e interpretação

Em *Compreender x interpretar e a questão da tradução*, Arrojo (2003: 87) inicia o texto dizendo que "para nossa tradição logocêntrica, que pressupõe a possibilidade de um sujeito de consciência plena e, portanto, capaz de uma relação puramente objetiva com a realidade, o ato de 'interpretar' é em geral oposto ao ato de 'compreender'".

Segundo a visão logocêntrica, a interpretação de um texto depende primeiramente de sua compreensão pelo leitor. Essa compreensão, quando realizada adequadamente, não deve revelar as circunstâncias nem o contexto de sua real-

ização ou de seu realizador. Nessa visão tradicional, o texto possui um significado estável, oculto e imanente que pode ser recuperado, descoberto ou resgatado em sua plenitude e que não depende do que o sujeito “compreende” sobre o texto. A interpretação do texto pode ocorrer apenas depois da compreensão “correta” feita pelo leitor. É somente neste momento que o leitor pode se revelar.

Mas, segundo Arrojo (2003: 88), quando entramos na área de teoria da tradução, esses moldes do logocentrismo tornam-se problemáticos. “Toda tradução, por mais simples e breve que seja, trai sua procedência, revela as opções, as circunstâncias, o tempo e a história de seu realizador. Toda tradução, por mais simples e breve que seja, revela ser produto de uma perspectiva, de um sujeito interpretante e, não, meramente, uma compreensão ‘neutra’ e desinteressada ou um resgate comprovadamente ‘correto’ ou ‘incorreto’ dos significados supostamente estáveis do texto de partida”. Para a autora, a compreensão e a interpretação são um mesmo fator que produz significados, em vez de resgatá-los. Esse fator está diretamente ligado ao subjetivo, ao temporal, ao inconsciente.

Para complementar essa definição de compreensão e interpretação, pode-se incluir aqui uma asserção de outro ensaio de Arrojo (2003: 35), que se intitula *A desconstrução do logocentrismo e a origem do significado*. Neste ensaio, a autora diz que “para a reflexão desconstrutivista, o significado não se encontra preservado no texto, nem na redoma supostamente protetora das intenções conscientes de seu autor, tampouco nasce dos caprichos individualistas de um leitor rebelde; o significado se encontra, sim, na trama das convenções que determinam, inclusive, o perfil, o desejo, as circunstâncias e os limites do próprio leitor” (2003:39). Ou seja, o leitor, a partir de sua interpretação sobre o texto, produz significados, mas ele não pode ser rebelde, precisa obedecer às regras e convenções que existem, e precisa respeitar o texto e o seu valor.

1.2 Mensagens e fidelidade

Outros conceitos utilizados como base para a análise do capítulo selecionado da obra de Foer são as noções de mensagem e fidelidade de Aubert (1993). Em *As (In)Fidelidades da Tradução*, o autor diz que quando produzimos linguagem participamos de uma interação comunicativa que transita por três tipos de mensagens: *mensagem pretendida*, *mensagem virtual* e *mensagem efetiva*. A mensagem pretendida constitui aquilo que o emissor “quis dizer”; a mensagem virtual é o conjunto de leituras possíveis a partir da expressão lingüística que o emissor efetivamente gerou; e a mensagem efetiva é aquela que se realiza no destinatário, condicionada em parte pela expressão lingüística e em parte pelo saber e pela intenção receptiva do interlocutor.

Essa configuração pode ser transposta para o processo de escrita de um livro e para o ato tradutório. Primeiramente, a mensagem pretendida constitui o que o autor “quer dizer” com o seu texto. A mensagem virtual refere-se a todas as

possíveis interpretações (o conjunto de leituras) do texto produzido. Por último, a mensagem efetiva é aquela que se realiza em cada leitor. Passando para o ato tradutório, Aubert toma como ponto de partida a mensagem efetiva no receptor-tradutor sobre o texto na língua estrangeira. Esse tradutor irá transformar a mensagem efetiva em uma mensagem pretendida (o que ele “quer dizer” com a sua tradução). Essa mensagem pretendida se tornará uma nova mensagem virtual, ou seja, todas as possíveis interpretações sobre o texto produzido, e a mensagem virtual se tornará uma nova mensagem efetiva em cada recepção/leitura. Aubert (1993:75) conclui que “a matriz primária da fidelidade há de ser, por imposição dos fatos, a mensagem efetiva que o tradutor apreendeu enquanto um entre vários receptores do texto original, experiência individual e única, não-reproduzível por inteiro nem mesmo pelo próprio receptor-tradutor, em outro momento ou sob outras condições de recepção.”

Além de a fidelidade se dirigir à mensagem efetiva que o tradutor apreendeu, Aubert (1993: 75) diz que existe outro fator com o qual ela se compromete. “Como instrumento humano, suporte, para um ato tradutório, ou seja, de um ato de comunicação interlingual, é de se esperar que o tradutor tenha, como de fato tem – em grau passível, é verdade, de certa variação, conforme a intencionalidade do ato tradutório – um compromisso de fidelidade com as expectativas, necessidades e possibilidades dos receptores finais. Ou, mais apropriadamente, com a imagem que tal tradutor se faz de tais expectativas, necessidades e possibilidades”. Isto significa dizer que o tradutor também precisa se comprometer a ser fiel à imagem que possui em sua mente das expectativas dos receptores finais, os leitores. Considerando esses fatores (compromisso de fidelidade à mensagem efetiva apreendida pelo tradutor e compromisso de fidelidade à imagem das expectativas dos receptores finais), é possível concluir que não há possibilidade de existir “a” tradução “certa”.

2 Análise do capítulo

Para realizar a análise do primeiro capítulo da obra *Tudo se ilumina*, foram selecionados trechos que provocam algum tipo de estranhamento devido às palavras utilizadas pelo autor no texto original e sua respectiva tradução para o português. Foram selecionados tanto trechos em que o efeito do texto de partida conseguiu ser transmitido no texto de chegada, quanto trechos em que a mensagem do texto original se perdeu. O estudo dos trechos foi realizado com o suporte de três dicionários, expandindo as referências de significados das palavras e possibilitando uma análise mais aprofundada. Os dicionários utilizados foram *Merriam-Webster* e *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, de língua inglesa, e *Aurélio*, de língua portuguesa. Todos os trechos analisados estão sinalizados em negrito nos capítulos em português e inglês nos anexos.

A análise foi dividida em categorias conforme o tipo de trecho analisado para facilitar a leitura. Ao final da análise, foi realizado um exercício de tradução intralingual de um pequeno trecho do capítulo, trocando palavras que causam estranhamento por palavras utilizadas no dia-a-dia para demonstrar como o texto trabalha com itens lexicais diferentes e como eles podem mudar a nossa percepção sobre o texto.

2.1 Sobre o título

A análise será iniciada pelo título do capítulo, *An overture to the commencement of a very rigid journey*, que, na tradução para o português, tornou-se *Abertura para o encerramento de uma jornada muito rígida*. Apenas nesta pequena frase que serve como título do primeiro capítulo do livro já é possível notar as escolhas de palavras que o narrador-personagem irá utilizar durante seu relato. Em inglês, segundo o dicionário *Merriam-Webster*, *overture*, sendo um substantivo, é definido como:

- 1 a: an initiative toward agreement or action : *proposal* b: something introductory : *prelude*
 2 a: the orchestral introduction to a musical dramatic work b: an orchestral concert piece written especially as a single movement in sonata form

Considerando que a segunda definição não possui muita relação com o contexto em que a palavra *overture* está inserida no título do capítulo, resta apenas a primeira, mais precisamente a definição “b”, que diz que *overture* é algo que introduz, um *prelúdio*. Os tradutores optaram por utilizar *abertura* no título em português. O sentido de indicar que é algo que se inicia não se perdeu, mas talvez uma escolha como a palavra *prelúdio* pudesse ter sido feita. Segundo o dicionário Aurélio, *prelúdio* é 1. Ato ou exercício prévio e 2. Introdução de uma obra musical. O capítulo selecionado é considerado um prólogo para a história do livro, por isso *prelúdio* poderia passar mais essa idéia de *introduzir*.

Segundo para a palavra *commencement*, não foi possível determinar por que os tradutores optaram por utilizar em português a palavra *encerramento*. *Commencement*, segundo o dicionário *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, é um sinônimo mais formal para *beginning* (começo). Sendo assim, *encerramento* passa uma mensagem totalmente contrária à do texto original. Talvez, segundo a interpretação dos tradutores, a idéia de colocar palavras com sentidos opostos como *abertura* e *encerramento* transmitisse mais a idéia de estranhamento para o leitor.

Quanto ao final do título, *a very rigid journey*, foi optado por realizar uma tradução literal, ficando *uma jornada muito rígida*. A palavra *rígida* não é muito comumente utilizada para adjetivar uma viagem (*jornada*, como o narrador-

personagem chama), sendo o termo mais comum a palavra *difícil*. É possível perceber que a escolha dessas palavras manteve o estranhamento do original.

2.2 Tradução literal

A maioria dos jogos de linguagem presentes no capítulo escolhido que conseguiram ser reproduzidos em nossa língua são fruto de traduções literais, como pode ser observado nas sentenças abaixo, em que os jogos de linguagem encontram-se em itálico:

- Original: An overture to the commencement of a very rigid journey.
Tradução: Abertura para o encerramento de *uma jornada muito rígida*
- Original: But all my many friends dub me Alex, because that is a more flaccid-to-utter version of my legal name.
Tradução: Mas todos os meus muitos amigos me apelidam de Alex, pois essa é *uma versão mais solta de pronunciar* meu nome oficial.
- Original: If you want to know why I am always spleening her, it is because I am always elsewhere with friends, and disseminating so much currency, and performing so many things that can spleen a mother.
Tradução: Se você quer saber por que eu vivo enfezando minha mãe, é porque eu estou sempre em outros lugares com amigos, *disseminando moeda-corrente* demais e executando ações que podem enfezar uma mãe.
- Original: I have a miniature brother who dubs me Alli.
Tradução: Também tenho um *irmão-miniatura* que me apelida de Alli.
- Original: I resist complaining about my pygmy allowance.
Tradução: Resisto a reclamar da minha *mesada pigméia*.
- Original: Father obtained a telephone call from the American office of Heritage Touring.
Tradução: Papai *obteve um telefonema* do escritório americano da Herança Turismo.

Expressões em inglês	Expressões traduzidas
a very rigid journey	uma jornada muito rígida
a more flaccid-to-utter version	uma versão mais solta de pronunciar
disseminate	disseminar
currency	moeda-corrente
miniature brother	irmão-miniatura
pygmy allowance	mesada pigméia

Na segunda expressão, a palavra *flaccid* poderia ter sido traduzida como *flácido*. Contudo, considerando que os tradutores precisam pensar em seu público e em como estes vão compreender o texto, *solta* para ser uma escolha mais adequada, pois é mais fácil de entender e também mantém o estranhamento do original.

Partindo para exemplos que não se encontram no quadro, o mesmo pode ser dito da palavra *spleen*, que se encontra na segunda sentença apresentada anteriormente. Segundo o dicionário *Oxford*, *spleen* é uma palavra mais rara e mais utilizada na literatura como sinônimo de *anger* (irritação, raiva). Poderia ser traduzido como *irritar* no texto de chegada, mas então perderia o seu jogo com o estranhamento. *Enfezar*, que é uma palavra raramente utilizada no dia-a-dia, parece se encaixar no texto, conseguindo passar uma mensagem semelhante à do original.

Um caso contrário é o que ocorre com a palavra *autobus*. No original, a mãe de Alex chama o transporte coletivo de *autobus*, uma palavra antiga que pode causar um certo estranhamento, já que a palavra comum é *bus*. No texto de chegada, esta foi traduzida como *ônibus*, palavra comum do dia-a-dia, perdendo o estranhamento. Uma opção que passasse um maior estranhamento talvez fosse a palavra *auto-ônibus*, uma palavra antiga, que caiu em desuso.

Em outros jogos de linguagem, a tradução literal pareceu não ser uma boa opção, pois o estranhamento acabou por se perder. Nesses casos, uma palavra com significado semelhante mas que seja “estranha” ao nosso cotidiano poderia ter sido buscada. Felizmente, estes casos não foram tão numerosos.

Um primeiro exemplo seria a palavra *don* que Alexander utiliza em *Father used to dub me Shapka, for the fur hat I would don even in the summer month*. Na tradução para o português, *don* se encontra como *usar*, uma palavra totalmente comum para os falantes do português brasileiro: *Papai costumava me apelidar de Chapa, por causa do chapéu de pele que eu usava até no mês do verão*. Segundo o dicionário *Merriam-Webster*, *don* significa *to put on (an article of clothing)*, que pode muito bem ser traduzido como *usar*, no sentido de *vestir*. Todavia, como *don* não é uma palavra muito utilizada pelos falantes de língua inglesa e é preciso recriar o mesmo estranhamento no português, talvez uma opção que passasse um maior estranhamento seria a palavra *trajar*, não muito comum no vocabulário diário dos falantes de português brasileiro.

Em outra frase, Alexander utiliza a palavra *Negroes* em *I dig Negroes, particularly Michael Jackson*. Esta palavra é considerada extremamente racista na língua inglesa. Alexander é um personagem ingênuo, não faz idéia do peso que a palavra carrega. Em um dos capítulos seguintes, o personagem Jonathan Safran Foer explica para Alexander que essa é uma palavra ruim, e que ele deveria usar a palavra *African-American*. Na tradução, utiliza-se a palavra *negro* para essa asserção presente no primeiro capítulo. Ela não possui um significado pejorativo em português, o que acaba perdendo muito da mensagem original e parte da história.

Outro caso que pode ser citado é *viewing television* em *Grandfather disperses most of the day at our house, viewing television*. Aqui, Alexander troca a palavra *watch television*, que é comumente usada pelos falantes de língua inglesa, para *view television*. Na tradução para o português a sentença foi deixada como:

Vovô dispersa a maior parte do dia lá em casa, vendo televisão. O estranhamento se perdeu. Ao fim do capítulo, Alexander repete essa mesma expressão, e ela é traduzida como *avistar televisão*, uma escolha que parece mais apropriada, pois carrega o mesmo estranhamento do original.

2.3 Adaptações

Voltando a uma das asserções comentadas na última categoria, *Father used to dub me Shapka, for the fur hat I would don even in the summer month*, outro caso interessante de tradução observado é o do apelido de Alexander. No texto original, seu pai o chama de *Shapka*, enquanto no texto traduzido o nome muda para *Chapa*. Pesquisando, foi possível descobrir que *Shapka* é uma palavra russa que significa *chapéu* e é utilizada no inglês para nomear os chapéus de pele com protetor de orelha que os russos usam. Provavelmente este é o mesmo tipo de chapéu que Alexander diz usar até no verão, por isso o apelido. Na tradução, essa remissão ao chapéu se perde. É obscuro o motivo pelo qual os tradutores resolveram optar por *Chapa*. De qualquer maneira, os leitores brasileiros nunca iriam relacionar *Shapka* com um chapéu de pele uma pesquisa para entender, pois essa palavra não faz parte de nosso conhecimento comum. Caso se optasse por manter o nome igual ao original, talvez fosse preciso explicar com uma nota de rodapé o seu significado.

Outro exemplo está em um trocadilho que o avô de Alex faz com a palavra *retired*. Pelo contexto, é possível entender que ele diz que está aposentado e que não quer trabalhar mais, mas em vez de usar a palavra *retired*, ele utiliza *retarded*, que, traduzindo literalmente para o português, é *retardado*. Entretanto, *aposentado* e *retardado* não são palavras muito semelhantes para causar um trocadilho que seja compreensível na língua de chegada. Para resolver esse problema, foi-se utilizada a palavra *apoquentado* (pessoa que se irrita facilmente com pequenas coisas), que possui uma sonoridade parecida com a de *aposentado*. Infelizmente, o humor do próprio avô chamando-se de retardado foi perdido na tradução.

2.4 Barreiras culturais

Analisando o primeiro capítulo, também foi possível notar jogos de linguagem em que o estranhamento não foi mantido na tradução pelo motivo das barreiras entre nossa cultura e a do texto original. Um estranhamento que se perde por causa das duas diferentes culturas pode ser observado nestas duas asserções diferentes: *So we made schemes to procure the hero at the Lvov train station on 2 July, at 15:00 of the afternoon* e *It is near 50 kilometers from Lutsk*. Para os brasileiros, 15:00 e 50 quilômetros são considerados medidas comuns, enquanto que para os americanos não. Nos Estados Unidos o usual para descrever o horário seria 3 p.m., e a distância é calculada em milhas. Para eles, é

causado um estranhamento, mas, por causa de nossa cultura, o estranhamento não existe na tradução.

2.5 “Erros” de tradução

Outro aspecto possível de observar na análise do capítulo foi a ocorrência de alguns erros por parte dos tradutores em certas sentenças por causa de sua interpretação sobre o texto. Neste trabalho, consideramos erro quando a mensagem realmente se perdeu na tradução por causa de uma falta de compreensão dos tradutores. Na sentença *That is why I was so effervescent to go to Lutsk and translate for Jonathan Safran Foer*, Alexander demonstra que mal pode esperar para ir para Lutsk e ser o tradutor-intérprete de Jonathan Safran Foer. Porém, na tradução em português tem-se *É por isso que eu estava tão efervescente para ir a Lutsk e traduzir Jonathan Safran Foer*. Nesta sentença é possível notar que os tradutores cometeram um equívoco na interpretação do texto e possivelmente pensaram que o Jonathan Safran Foer a que o texto se refere é o autor; assim, Alexander traduziria textos de Jonathan Safran Foer (autor real). Contudo, como o Jonathan Safran Foer a que o texto se refere é o personagem, o certo seria dizer *É por isso que eu estava tão efervescente para ir a Lutsk e traduzir para Jonathan Safran Foer*. O fato de o personagem ter o mesmo nome do autor causa uma certa confusão para qualquer leitor desavisado.

Um caso semelhante ocorre em *She has this name because Sammy Davis, Junior was Grandfather's beloved singer, and the bitch is his, not mine*, because I am not the one who thinks he is blind. No original, Alex se refere ao avô, mas na tradução para o português a escolha foi se referir ao próprio Alex, ficando: *Ela tem esse nome porque Sammy Davis, Junior era o cantor preferido do meu avô, e a cadela é dele, não minha*, pois não sou eu que penso que sou cego. Ocorreu uma mudança de foco de um personagem para outro segundo a interpretação do tradutor.

2.6 Estrutura do texto

À parte as questões já levantadas, algo que também poderia ser discutido sobre o original e sua tradução para o português seria a estrutura do texto. Enquanto o texto em inglês é dividido em grandes parágrafos, com as falas apresentadas entre aspas e aglutinadas sem uma divisão coerente entre cada parágrafo, o texto em português utiliza o modo padrão de escrita brasileira, colocando as falas em travessões e separando-as do resto do texto. Observando esse detalhe, o texto em inglês passa uma impressão de ser mais dinâmico e fluido por suas falas estarem sempre em seqüência e sem uma divisão coerente. Já no texto em português, como sempre há uma quebra de parágrafo em cada fala, a sensação de movimento e dinamismo parece se perder.

2.7 Tradução intralingual

Para finalizar a análise, um exercício interessante de ser feito seria passar a linguagem de Alexander para palavras utilizadas no dia-a-dia, realizando uma tradução intralingual, uma tradução dentro da própria língua. É claro que toda a originalidade do texto se perderia, além da personalidade peculiar do personagem-narrador, mas seria interessante para analisar o resultado. Para isso, foram trocadas as palavras das três primeiras frases do capítulo selecionado por outras empregadas usualmente. Foi utilizada a tradução oficial para o português:

Meu nome de registro é Alexander Perchov. Mas todos os meus muitos amigos me apelidam de Alex, pois essa é uma versão mais solta de pronunciar meu nome oficial. Mamãe me apelida de Alexi-pare-de-me-enfezar!, pois está sempre enfezada comigo. Se você quer saber por que eu vivo enfezando minha mãe, é porque eu estou sempre em outros lugares com amigos, disseminando moeda-corrente demais e executando ações que podem enfezar uma mãe.

E este foi o resultado:

Meu nome é Alexander Perchov, mas todos os meus amigos me chamam de Alex. Minha mãe me chama de Alexi-pare-de-me-irritar!, pois ela está sempre irritada comigo. Se você quer saber por que eu vivo irritando minha mãe, é porque estou sempre saindo com amigos, gastando dinheiro demais e fazendo coisas que podem irritar uma mãe.

O resultado ainda soa um pouco estranho, talvez por causa da grande repetição da palavra *irritar*, mas é possível notar que muito se perdeu em relação ao texto de Foer. Perdeu-se muito das palavras, da originalidade e da personalidade do personagem-narrador. Esse exercício demonstra como a obra trabalha com os itens lexicais que possuem um significado semelhante e como eles podem mudar a nossa percepção sobre o texto.

3 Considerações finais

Utilizando as idéias de Arrojo (2003) e Aubert (1993), é possível ver que não existe a tradução “certa”, mas, sim, possíveis traduções que são reescrituras do texto original e que dependem da interpretação que o tradutor faz sobre o texto de partida. Outro fator que deve ser considerado é que o tradutor mantenha um compromisso de fidelidade com a mensagem efetiva e com sua imagem das expectativas dos receptores/leitores.

Levando em consideração essas afirmações, não se pode dizer que uma de-

terminada escolha do tradutor foi “errada” ou “certa”, mas sim que ele realizou uma tradução conforme sua interpretação. O produto final desta tradução talvez tenha sido um sucesso em passar a mensagem do original, ou pode ter sido um fracasso e perdido a mensagem no meio do caminho.

A análise realizada aqui demonstrou que, em certos momentos, os jogos de linguagem presentes em *Tudo se ilumina* conseguiram ser reproduzidos atendendo-se à mensagem efetiva do texto original, enquanto que, em outros casos, essa mensagem se perdeu no processo tradutório. Houve casos em que a fidelidade à mensagem efetiva e à imagem das expectativas do público foi preservada, conforme pode ser notado nos exemplos em que a tradução literal obteve sucesso (o que ocorreu na maioria dos casos) e nos trocadilhos que foram adaptados para o português. Em outros, a fidelidade não foi possível, seja pelas barreiras da língua ou pelas diferenças culturais. Ainda houve casos em que os jogos e o estranhamento poderiam ter sido mais bem trabalhados pelos tradutores.

A linguagem criada por Foer é difícil de ser reproduzida em outras línguas. Pensando na tradução feita para o público brasileiro, é preciso criar um texto em português que mostre um personagem que tem como língua nativa o ucraniano tentando falar em inglês, sendo que ele não domina muito essa língua. São, portanto, três códigos lingüísticos diferentes que se encontram em um mesmo texto, algo que torna a tradução um grande desafio.

A tradução oficial pareceu se ater mais à tradução literal dos jogos de linguagem, independentemente de estes terem sucesso em transmitir a mensagem do texto original ou não. Mesmo assim, na maioria das vezes, o caso da tradução literal funcionou com o português, reproduzindo o estranhamento causado na língua inglesa. Alguns jogos sofreram uma adaptação, como foi o caso do trocadilho feito pelo avô do narrador-personagem com as palavras *aposentado* e *apoquentado* apresentadas na análise, mas em outros, infelizmente, o estranhamento foi perdido por ter-se utilizado uma palavra comum no nosso dia-a-dia, seja por barreiras lingüísticas ou culturais.

Referências

Livros

- ARROJO, Rosemay. “Compreender x interpretar e a questão da tradução”. *O signo desconstruído*. Campinas: Pontes Editores, 2003.
- ARROJO, Rosemay. “A desconstrução do logocentrismo e a origem do significado”. *O signo desconstruído*. Campinas: Pontes Editores, 2003.
- AUBERT, Francis Henrik. “As mensagens e os limites da ‘fidelidade’”. *As (In) Fidelidades da Tradução*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- FOER, Jonathan Safran. *Everything is illuminated*. London: Penguin Books, 2003.

FOER, Jonathan Safran. *Tudo se ilumina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. Tradução de Paulo Reis e Sergio Moraes Rego.

Dicionários

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

HORNBY, A. S. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2005, 7ª edição.

Merriam-Webster Dictionary and Thesaurus Online

<http://www.merriam-webster.com/>

Acesso em: 19 de novembro de 2008

Sites

Identity Theory - Entrevista com Jonathan Safran Foer:

<http://www.identitytheory.com/interviews/birnbaum108.php>

Acesso em: 19 de novembro de 2008

Harper Collins – Entrevista com Jonathan Safran Foer:

<http://www.harpercollins.com/author/authorExtra.aspx?authorID=25419&isbn13=9780060529703&displayType=bookinterview>

Acesso em: 19 de novembro de 2008

Anexo 1 – Texto em inglês

An overture to the commencement of a very rigid journey

My legal name is Alexander Perchov. But all my many friends dub me Alex, because that is a *more flaccid-to-utter version* of my legal name. Mother dubs me Alexi-stop-spleening-me!, because I am always *spleening* her. If you want to know why I am always *spleening* her, it is because I am always elsewhere with friends, and *disseminating* so much *currency*, and performing so many things that can *spleen* a mother. Father used to dub me *Shapka*, for the fur hat I would *don* even in the summer month. He ceased dubbing me that because I ordered him to cease dubbing me that. It sounded boyish to me, and I have always thought of myself as very potent and generative. I have many many girls, believe me, and they all have a different name for me. One dubs me Baby, not because I am a baby, but because she attends to me. Another dubs me All Night. Do you want to know why? I have a girl who dubs me *Currency*, because I *disseminate* so much *currency* around her. She licks my chops for it. I have a *miniature brother* who dubs me Alli. I do not dig this name very much, but I dig him very much, so OK, I permit him to dub me Alli. As for his name, it is Little Igor, but Father dubs him Clumsy One, because he is always promenading into things. It was only four days previous that he made his eye blue from a mismanagement with a brick wall. If you're wondering what my bitch's name

is, it is Sammy Davis, Junior, Junior. She has this name because Sammy Davis, Junior was Grandfather's beloved singer, and the bitch is his, not mine, *because I am not the one who thinks he is blind.*

As for me, I was sired in 1977, the same year as the hero of this story. In truth, my life has been very ordinary. As I mentioned before, I do many good things with myself and others, but they are ordinary things. I dig American movies. I dig *Negroes*, particularly Michael Jackson. I dig to *disseminate* very much *currency* at famous nightclubs in Odessa. Lamborghini Countaches are excellent, and so are cappuccinos. Many girls want to be carnal with me in many good arrangements, notwithstanding the Inebriated Kangaroo, the Gorky Tickle, and the Unyielding Zookeeper. If you want to know why so many girls want to be with me, it is because I am a very premium person to be with. I am homely, and also severely funny, and these are winning things. But nonetheless, I know many people who dig rapid cars and famous discotheques. There are so many who perform the Sputnik Bosom Dalliance – which is always terminated with a slimy underface – that I cannot tally them on all of my hands. There are even many people named Alex. (Three in my house alone!) *That is why I was so effervescent to go to Lutsk and translate for Jonathan Safran Foer. It would be unordinary.*

I had performed recklessly well in my second year of English at university. This was a very majestic thing I did because my instructor was having shit between his brains. Mother was so proud of me, she said, "Alexi-stop-*spleening*-me! You have made me so proud of you." I inquired her to purchase me leather pants, but she said no. "Shorts?" "No." Father was also so proud. He said, "Shapka," and I said "Do not dub me that," and he said, "Alex, you have made Mother so proud."

Mother is a humble woman. Very, very humble. She toils at a small café one hour distance from our home. She presents food and drink to customers there, and says to me, "I mount the autobus for an hour to work all day doing things I hate. You want to know why? It is for you, Alexi-stop-*spleening*-me! One day you will do things for me that you hate. That is what it means to be a family." What she does not clutch is that I already do things for her that I hate. I listen to her when she talks to me. I resist complaining about my *pygmy allowance*. And did I mention that I do not *spleen* her nearly so much as I desire to? But I do not do these things because we are a family. I do them because they are common decencies. That is an idiom that the hero taught me. I do them because I am not a big fucking asshole. That is another idiom that the hero taught me.

Father toils for a travel agency, denominated Heritage Touring. It is for Jewish people, like the hero, who have cravings to leave that ennobled country America and visit humble towns in Poland and Ukraine. Father's agency scores a translator, guide, and a driver for the Jews, who try to unearth places where their families once existed. OK, I had never met a Jewish person until the voyage. But this was their fault, not mine, as I had always been willing, and one might even write lukewarm, to meet one. I will be truthful again and mention that before

the voyage I had the opinion that Jewish people were having shit between their brains. This is because all I knew of Jewish people was that they paid Father very much *currency* in order to make vacations *from America to Ukraine*. But then I met Jonathan Safran Foer, and I will tell you, he is not having shit between his brains. He is an ingenious Jew.

So as for the Clumsy One, who I never ever dub the Clumsy One but always Little Igor, he is a first-rate boy. It is now evident to me that he will become a very potent and generative man, and that his brain will have many muscles. We do not speak in volumes, because he is such a silent person, but I am certain that we are friends, and I do not think I would be lying if I wrote that we are paramount friends. I have tutored Little Igor to be a man of this world. For an example, I exhibited him a smutty magazine three days yore, so that he should be appraised of the many positions in which I am carnal. "This is the sixty-nine," I told him, presenting the magazine in front of him. I put my fingers – two of them – on the action, so that he would not overlook it. "Why is it dubbed sixty-nine?" he asked, because he is a person hot in fire with curiosity. "It was invented in 1969. My friend Gregory knows a friend of the nephew of the inventor." "What did people do before 1969?" "Merely blowjobs and masticating box, but never in chorus." He will be made a VIP if I have a thing to do with it.

This is where the story begins.

But first I am burdened to recite my good appearance. I am unequivocally tall. I do not know any women who are taller than me. The women I know who are taller than me are lesbians, for whom 1969 was a very momentous year. I have handsome hairs, which are split in the middle. This is because Mother used to split them on the side when I was a boy, and to *spleen* her I split them in the middle. "Alexi-stop-*spleening*-me!" she said, "you appear mentally unbalanced with your hairs split like that." She did not intend it, I know. Very often Mother utters things that I know she does not intend. I have an aristocratic smile and like to punch people. My stomach is very strong, although it presently lacks muscles. Father is a fat man, and Mother is also. This does not disquiet me, because my stomach is very strong, even if it appears very fat. I will describe my eyes and begin the story. My eyes are blue and resplendent. Now I will begin the story.

Father *obtained a telephone call* from the American office of Heritage Touring. They required a driver, guide, and a translator for a young man who would be in Lutsk at the dawn of the month of July. This was a troublesome supplication, because at the dawn of July, Ukraine was to celebrate the first birthday of its ultramodern constitution, which makes us feel very nationalistic, and so many people would be on vacation in foreign places. It was an impossible situation, like the 1984 Olympics. But Father is an overawing man who always obtains what he desires. "Shapka," he said on the phone to me, who was at home enjoying the greatest of all documentary movies, *The making of "Thriller"*, "what was the language you studied this year at school?" "Do not dub me Shapka," I said.

"Alex," he said, "what was the language you studied this year at school?" "The language of English," I told him, hoping I might make him proud enough to buy me the zebra-skin seat coverings of my dreams. "Excellent, Alex. Excellent. You must nullify any plans you possess for the first week of the month of July." "I do not possess any plans," I said to him. "Yes you do," he said.

Now is a befitting time to mention Grandfather, who is also fat, but yet more fat than my parents. OK, I will mention him. He has gold teeth and cultivates ample hairs on his face to comb by the dusk of every day. He toiled for fifty years in many employments, primarily farming, and later machine manipulating. His final employment was at Heritage Touring, where he commenced the toil in the 1950s and persevered until of late. But now he is retarded and lives on our street. My grandmother died two years yore of a cancer in her brain, and Grandfather became very melancholy, and also, he says, blind. Father does not believe him, but purchased Sammy Davis, Junior, Junior for him nonetheless, because a Seeing Eye bitch is not only for blind people but for people who pine for the negative of loneliness. (I should not have used "purchased", because in truth Father did not purchase Sammy Davis, Junior, Junior, but only received her from the home of the forgetful dogs. Because of this, she is not a real Seeing Eye bitch, and is also mentally deranged.) Grandfather disperses most of the day at our house, *viewing television*. He yells at me often. "Sasha!" he yells. "Sasha, do not be so lazy! Do not be so worthless! Do something! Do something worthy!" I never rejoinder him, and never *spleen* him with intentions, and never understand what worthy means. He did not have the unappetizing habit of yelling at Little Igor and me before Grandmother died. That is how we are certain that he does not intend it, and that is why we can forgive him. I discovered him crying once, in front of the television. (Jonathan, this part about Grandfather must remain amid you and me, yes?) The weather report was exhibiting, so I was certain that it was not something melancholy on the television that made him cry. I never mentioned it, because it was a common decency to not mention it.

Grandfather's name is also Alexander. Supplementally is Father's. We are all the primogenitory children in our families, which brings us tremendous honor, on the scale of the sport of baseball, which was invented in Ukraine. I will dub my first child Alexander. If you want to know what will occur if my first child is a girl, I will tell you. He will not be a girl. Grandfather was sired in Odessa in 1918. He has never departed Ukraine. The remotest he ever traveled was Kiev, and that was for when my uncle wedded The Cow. When I was a boy, Grandfather would tutor that Odessa is the most beautiful city in the world, because the vodka is cheap, and so are the women. He would manufacture funnies with Grandmother before she died about how he was in love with other women who were not her. She knew it was only funnies because she would laugh in volumes. "Anna," he would say, "I am going to marry that one with the pink hat." And she would say, "To whom are you going to marry her?" And he would say, "To

me." I would laugh very much in the back seat, and she would say to him, "But you are no priest." And he would say, "I am today." And she would say, "Today you believe in God?" And he would say, "Today I believe in love." Father commanded me never to mention Grandmother to Grandfather. "It will make him melancholy, Shapka," Father said. "Do not dub me that," I said. "It will make him melancholy, Alex, and it will make him think he is more blind. Let him forget." So I never mention her, because unless I do not want to, I do what Father tells me to do. Also, he is a first-rate puncher.

After telephoning me, Father telephoned Grandfather to inform him that he would be the driver of the journey. If you want to know who would be the guide, the answer is there would be no guide. Father said that a guide was not an indispensable thing, because Grandfather knew a beefy amount from all of his years at Heritage Touring. Father dubbed him an expert. (At the time when he said this, it seemed like a very reasonable thing to say. But how does this make you feel, Jonathan, in the luminescence of everything that occurred?)

When the three of the us, the three men named Alex, gathered in Father's house that night to converse the journey, Grandfather said, "I do not want to do it. I am retarded, and I did not become a retarded person in order to have to perform shit such as this. I am done with is." "I do not care what you want," Father told him. Grandfather punched the table with much violence and shouted, "Do not forget who is who!" I thought that that would be the end of the conversation. But Father said something queer. "Please." And then he said something even queerer. He said, "Father." I must confess that there is so much I do not understand. Grandfather returned to his chair and said, "This is the final one. I will never do it again."

So we made schemes to procure the hero at the Lvov train station on 2 July, at 15:00 of the afternoon. Then he would be for the two days in the area of Lutsk. "Lutsk?" Grandfather said. "You did not say it was Lutsk." "It is Lutsk," Father said. Grandfather became in thought. "He is looking for the town his grandfather came from," Father said, "and someone, Augustine he calls her, who salvaged his grandfather from the war. He desires to write a book about his grandfather's village." Oh, I said, "so he is intelligent?" "No," Father corrected. "He has low-grade brains. The American office informs me that he telephones them every day and manufactures numerous half-witted queries about finding suitable food." "There will certainly be sausage," I said. "Of course," Father said. "He is only half-witted." Here I will repeat that the hero is a very ingenious Jew. "Where is the town?" I asked. "The name of the town is Trachimbrod." "Trachimbrod?" Grandfather asked. "It is near 50 kilometers from Lutsk," Father said. "He possesses a map and is sanguine of the coordinates. It should be simple."

Grandfather and I *viewed television* for several hours after Father reposed. We are both people who remain conscious very tardy. (I was near-at-hand to writing that we both relish to remain conscious tardy, but that is not faithful.)

We viewed an American television program that had the words in Russian at the bottom of the screen. It was about a Chinaman who was resourceful with a bazooka. We also viewed the weather report. The weatherman said that the weather would be very abnormal the next day, but that the next day after that would be normal. Amid Grandfather and I was a silence you could cut with a scimitar. The only time that either of us spoke was when he rotated to me during an advertisement for McDonald's McPorkburgers and said, "I do not want to drive ten hours to an ugly city to attend to a very spoiled Jew."

Retirado de: FOER, Jonathan Safran. *Everything is illuminated*. London: Penguin Books, 2003. Páginas 1-7.

Anexo 2 – Texto em português

Abertura para o encerramento de uma jornada muito rígida

Meu nome de registro é Alexander Perchov. Mas todos os meus muitos amigos me apelidam de Alex, pois essa é *uma versão mais solta de pronunciar* meu nome oficial. Mamãe me apelida de Alexi-pare-de-me-enfezar!, pois está sempre enfezada comigo. Se você quer saber por que eu vivo enfezando minha mãe, é porque eu estou sempre em outros lugares com amigos, *disseminando moeda-corrente* demais e executando ações que podem enfezar uma mãe. Papai costumava me apelidar de *Chapa*, por causa do chapéu de pele que eu usava até no mês do verão. Parou de me apelidar assim porque eu ordenei que ele parasse de me apelidar assim. Aquilo me parecia infantil, e sempre pensei em mim mesmo como muito potente e gerador. Tenho muitas, muitas garotas, podem acreditar, e cada uma tem um nome diferente para mim. Uma me apelida de Bebê, não porque eu seja um bebê, mas porque ela cuida de mim. Outra me apelida de Noite Toda. Querem saber por quê? Uma terceira me apelida de *Moeda-corrente*, pois *dissemino* muita *moeda-corrente* à volta dela. Ela lambe os meus beijos por causa disso. Também tenho um *irmão-miniatura* que me apelida de Alli. Não curto muito esse nome, mas curto muito meu irmão; por isso, tudo bem, permito que ele me chame de Alli. O nome dele é Pequeno Igor, mas Papai só o apelida de Sem-Jeito, porque ele vive abalroando as coisas. Há quatro dias prévios, por exemplo, ele azulou o próprio olho ao cometer um equívoco com um muro de tijolos. E se você quer saber qual é o nome da minha cadela, ela se chama Sammy Davis, Junior, Junior. Ela tem esse nome porque Sammy Davis, Junior era o cantor preferido do meu avô, e a cadela é dele, não minha, *pois não sou eu que penso que sou cego*.

Quanto a mim, fui gerado em 1977, o mesmo ano do herói desta história. Na verdade, minha vida sempre foi muito ordinária. Como já mencionei, faço

muitas coisas boas comigo e com os outros, mas são coisas ordinárias. Eu curto filmes americanos. Curto *negros*, principalmente Michael Jackson. Curto *disseminar moeda-corrente* nas boates famosas de Odessa. Os Lamborghini Countaches são excelentes, bem como os cappuccinos. Muitas garotas querem ter relações carnavais comigo de muitas maneiras boas, como o Canguru Inebriado, a Córcega Gorky e o Tratador Inflexível. Se você quer saber por que tantas garotas querem ficar comigo, é porque eu sou uma pessoa muito excepcional para se ficar. Sou caseiro, e também severamente engraçado, e essas coisas são fascinantes. Mas também conheço muita gente que curte carros velozes e discotecas famosas. Há tanta gente que executa o Folgado do Busto Sputnik – sempre encerrado com subprodutos pegajosos – que não consigo contar todo mundo nos dedos das mãos. Há até muita gente chamada Alex. (Três só na minha casa!) É por isso que eu estava tão efervescente para ir a Lutsk e *traduzir Jonathan Safran Foer*. Seria algo inordinário.

Eu tivera um desempenho destemidamente bom no meu segundo ano de inglês na universidade. Isso foi uma coisa muito majestosa que fiz, porque o meu instrutor estava tendo merda entre os miolos. Mamãe ficou tão orgulhosa de mim que disse: - Alexi-pare-de-me-enfezar!, você me deixou orgulhosa.

Eu requeira que ela comprasse calças de couro, mas ela disse que não.

- E shorts?

- Não.

Papai também ficou muito orgulhoso, e disse: - Chapa...

- Não me chame de Chapa – disse eu.

- Alex, você deixou sua mãe orgulhosa – disse ele.

Mamãe é uma mulher muito humilde. Muito, muito humilde. Ela labuta num pequeno café que fica a uma hora de distância da nossa casa. Lá apresenta comida e bebida para os fregueses, e diz para mim: - Eu faço uma jornada de uma hora de *ônibus* para trabalhar o dia todo fazendo coisas que odeio. Quer saber por quê? É para você, Alexi-pare-de-me-enfezar! Um dia você também vai fazer coisas para mim que odeia. É isso que significa ser uma família.

O que ela não apreende é que eu já faço coisas para ela que odeio. Fico escutando quando ela fala comigo. Resisto a reclamar da minha *mesada pigméia*. E já mencionei que não enfezei minha mãe tanto quanto desejei? Mas não faço essas coisas porque somos uma família. Faço por serem atitudes decentes. Essa é uma expressão idiomática que o herói me ensinou. Faço porque não sou uma porra dum babaca. Essa é outra expressão idiomática que o herói me ensinou.

Papai labuta numa agência de viagens denominada Herança Turismo. É uma agência para judeus, feito o herói, que têm ânsias de deixar a América, aquele país enobrecido, e visitar aldeias humildes na Polônia e na Ucrânia. A agência de papai conta com um tradutor, um guia e um motorista para esses judeus, que tentam descobrir os lugares onde suas famílias viviam outrora. Tá legal, eu jamais conhecera um judeu antes da viagem. Mas isso era culpa deles,

e não minha, pois eu sempre estivera disposto, e pode-se ressaltar, até que de forma desinteressada, a conhecer um deles. Vou ser verdadeiro novamente e mencionar que antes da viagem eu era de opinião que os judeus estavam tendo merda entre os miolos. Pois a única coisa que eu sabia dos judeus era que eles pagavam muita *moeda-corrente* a papai a fim de viajar de férias *da América para a Ucrânia*. Mas então conheci Jonathan Safran Foer, e posso dizer que ele não está tendo merda entre os miolos. Ele é um judeu criativo.

Quanto ao Sem-Jeito, que eu nunca chamo de Sem-Jeito, e sim de Pequeno Igor, ele é um menino de primeira. Já ficou evidente para mim que ele se tornará um homem muito potente e gerador, e que seu cérebro terá muitos músculos. Nós não conversamos em alto volume, pois ele é uma pessoa silenciosa, mas tenho certeza de que somos amigos, e acho que não estaria mentindo se dissesse que somos amigos supremos. Venho lecionando Pequeno Igor a ser um cidadão do mundo. Exibi para ele, por exemplo, uma revista pornô três dias previamente, para que ele tomasse conhecimento das posições em que tenho relações carnavais.

– Essa é a sessenta-e-nove – disse eu, apresentando-lhe a revista e colocando dois dedos na imagem para que ele entendesse bem.

– Por que se intitula sessenta-e-nove? – perguntou ele, pois é uma pessoa que arde no fogo da curiosidade.

– Foi inventada em 1969. Meu amigo Gregory conhece um amigo do sobrinho do inventor.

– O que as pessoas faziam antes de 1969?

– Meros boquetes e caixas mastigadas, mas nunca ao mesmo tempo – respondi. Se depender de mim, ele ainda se tornará um VIP.

Aqui começa a história.

Mas primeiro vejo-me compelido a recitar minha boa aparência. Sou inequivocamente alto. Não conheço nenhuma mulher mais alta do que eu. As únicas mulheres mais altas do que eu que conheço são lésbicas, para quem 1969 foi um ano muito marcante. Tenho cabelos bonitos, repartidos no meio. Isso acontece porque Mamãe costumava reparti-los para o lado quando eu era menino. Só para enfezar minha mãe, comecei a reparti-los no meio, e ela disse: – Alexi-pare-de-me-enfezar!, você parece mentalmente desequilibrado com os cabelos repartidos desse jeito.

Ela não falou por mal, eu sei. Frequentemente Mamãe pronuncia coisas que eu sei que não são proferidas por mal. Eu tenho um sorriso aristocrático, e gosto de socar as pessoas. Meu estômago é muito forte, embora atualmente careça de músculos. Papai é um homem gordo, e Mamãe também. Isso não me perturba, pois meu estômago é muito forte, mesmo que pareça gordo. Vou descrever os meus olhos e depois começar a história. Meus olhos são azuis e resplandecentes. Agora vou começar a história.

Papai *obteve um telefonema* do escritório americano da Herança Turismo. Eles queriam um motorista, um guia, e um tradutor para um rapaz que chegaria a Lutsk na alvorada do mês de julho. Tratava-se de uma súplica incômoda, pois ao alvorecer de julho a Ucrânia comemoraria o primeiro aniversário da sua constituição ultramoderna, que faz com que nos sintamos muito nacionalistas, e assim muita gente estaria de férias fora do país. Tratava-se de uma situação impossível, feito a Olimpíada de 1984. Mas Papai é um homem temível, que sempre obtém o que deseja.

Eu estava em casa, assistindo ao maior de todos os documentários, *The Making of Thriller*, quando ele me telefonou e disse: – Chapa...

– Não me chame de Chapa – reclamei.

– Alex, que idioma você estudou na escola esse ano? – perguntou ele.

– O idioma inglês – respondi.

– E você fala bem esse idioma? – perguntou ele.

– Sou fluido – disse eu, na esperança de deixá-lo orgulhoso a ponto de comprar para mim as capas de assento de pele de zebra com que eu sonhava.

– Excelente, Chapa – disse ele.

– Não me chame de Chapa – disse eu.

– Excelente, Alex. Excelente. Você deve anular qualquer plano que possua para a primeira semana do mês de julho.

– Não possuo plano algum – disse eu.

– Possui, sim – retrucou ele.

Agora é a hora adequada para eu mencionar Vovô, que também é gordo, mas ainda mais gordo do que meus pais. Tá legal, vou mencioná-lo. Ele tem dentes dourados, e cultivava amplos pêlos no rosto para penteá-los à hora do crepúsculo todo dia. Labutou durante cinquenta anos em muitos empregos, principalmente na agricultura, e mais tarde na manipulação de máquinas. Seu último emprego foi na Herança Turismo, onde principiou a labutar na década de 50, e persistiu até recentemente. Mas hoje ele é *apoquentado* e mora na nossa rua. Minha avó morreu dois anos antes de câncer no cérebro, e Vovô ficou muito melancólico, além de cego, como ele diz, cego, Papai não acredita nele, mas mesmo assim adquiriu Sammy Davis, Junior, Junior para ele, pois uma cadela-guia não serve só para gente cega, serve também para gente que anseia pelo negativo da solidão (Eu não deveria ter usado “adquirido”, pois na verdade Papai não adquiriu Sammy Davis, Junior, Junior, apenas recebeu-a do lar dos cachorros abandonados. Devido a isso, ela não é uma verdadeira cadela-guia, e é mentalmente desequilibrada.) Vovô dispersa a maior parte do dia lá em casa, *vendo televisão*. Frequentemente berra comigo: – Sasha! Não seja tão preguiçoso! Não seja tão inútil! Faça alguma coisa! Faça alguma coisa digna!

Eu nunca rebato o que ele diz, nunca *enfezo* Vovô com intenções, e nunca entendo o que digna significa. Ele não tinha esse hábito pouco apetitoso de berrar comigo e com Pequeno Igor antes de Vovô morrer. É por isso que temos certeza

de que ele não fala por mal, e é por isso que conseguimos perdoá-lo. Uma vez eu descobri Vovô chorando na frente da televisão. (Jonathan, esta parte precisa ficar só entre nós dois, está bem?) O prognóstico meteorológico estava se exibindo, e por isso tive certeza que ele não estava chorando por causa de algo melancólico na televisão. Nunca falei nada, pois era decente não mencionar aquilo.

O nome de Vovô também é Alexander. Suplementarmente, o de Papai também é. Todos nós somos filhos primogênitos nas nossas famílias, coisa que é uma honra tremenda, tanto quanto o esporte do beisebol, que foi inventado na Ucrânia. Eu vou apelidar o meu primeiro filho de Alexander. Se você quer saber o que ocorrerá se meu primeiro filho for menina, posso dizer. Ele não será menina. Vovô foi gerado em Odessa, em 1918. Nunca saiu da Ucrânia. Kiev é o lugar mais distante a que ele já foi, e isso aconteceu quando meu tio casou com a Vaca. Quando eu era menino, Vovô lecionava que Odessa é a cidade mais bela do mundo, porque lá a vodca é barata, assim como as mulheres. Antes de Vovô morrer, ele manufaturava graças com ela, dizendo que estava apaixonado por outras mulheres. Ela sabia que eram graças, pois ria em alto volume.

– Anna, vou desencilhar aquela moça do chapéu cor-de-rosa – dizia ele.

– Vai desencilhar a moça com quem? – dizia ela.

– Comigo – dizia ele.

Eu ria muito no banco traseiro, e ela dizia: - Mas você não é padre.

– Hoje sou – dizia ele.

– Hoje você acredita em Deus? – dizia ela.

– Hoje eu acredito no amor – dizia ele.

Papai ordenou que eu jamais mencionasse Vovô a Vovô, dizendo: - Isso vai deixar Vovô melancólico, Chapa...

– Não me chame de Chapa

– Vai deixar Vovô melancólico, Alex, e fazer com que ele pense que está mais cego ainda. Vamos deixar que ele esqueça tudo.

E por isso eu nunca menciono Vovô, pois sempre faço o que Papai me manda fazer, a não ser que não queira. Além disso, ele tem um soco de primeira.

Depois de me telefonar, Papai telefonou para Vovô a fim de informá-lo de que ele seria o motorista da nossa viagem. Se você quer saber quem seria o guia, a resposta é que não haveria guia. Papai disse que o guia não era uma coisa indispensável, pois Vovô sabia muita coisa devido aos anos que passara na Herança Turismo Papai chamou Vovô de perito. (Quando ele disse isso, achei que era uma coisa sensata. Mas como isso faz com que você se sinta, Jonathan, na luminescência de tudo que ocorreu?)

À noite nós três, os três homens chamados Alex, fomos até a casa de Papai para conversar sobre a jornada, e Vovô disse:

– Não quero fazer isso. Sou *apoquentado*, e não virei uma pessoa apoquentada para ter que executar merdas como essa. Estou farto.

– Pouco me importa o que você quer – disse Papai.

Vovô socou a mesa com muita violência e gritou: - Não se esqueça de quem é quem!

Achei que esse seria o fim da conversa. Mas Papai disse uma coisa esquisita:

– Por favor.

E depois disse uma coisa ainda mais esquisita: - Papai.

Preciso confessar que há muitas coisas que eu não entendo.

Vovô voltou à cadeira e disse:

– Vai ser a última vez. Nunca mais vou fazer isso.

Portanto, montamos esquemas para procurar o herói na estação ferroviária de Lvov às três da tarde de 2 de julho. Depois passaríamos dois dias na área de Lutsk. Vovô indagou:

– Lutsk? Você não disse que seria em Lutsk.

– É em Lutsk – disse Papai. Vovô fez uma expressão de pensamento, e papai acrescentou: - Ele está procurando a aldeia natal do avô dele, e alguém, que ele chama de Augustine, que salvou o avô dele na guerra. Deseja escrever um livro sobre a aldeia do avô.

– Ah, então ele é inteligente? – disse eu.

– Não – corrigiu Papai. – Ele tem miolos de baixa qualidade. O escritório americano me informou que ele telefona para lá todo dia, manufaturando numerosas indagações debilóides a respeito de onde encontrar boa alimentação.

– Certamente conseguiremos encontrar salsichas – disse eu.

– É claro – disse Papai. – Ele é apenas semi-idiota.

Quero repetir aqui que o herói é um judeu muito criativo.

– Onde fica a aldeia? – perguntei.

– O nome da aldeia é Trachimbrod.

– Trachimbrod? – perguntou Vovô.

– Fica a cerca de *cinquenta quilômetros* de Lutsk – disse Papai. – Ele possui um mapa, e está seguro quanto às coordenadas. Deve ser simples.

Vovô e eu ficamos *avistando* televisão por várias horas depois que Papai repousou. Nós dois somos pessoas que permanecem conscientes com bastante atraso. (Por pouco escrevi que ambos nos comprazemos em permanecer conscientes com atraso, mas isso não seria fiel.) *Avistamos* um programa americano que tinha as palavras em russo ao pé da tela. Era sobre um chinês que tinha habilidade com uma bazuca. Também avistamos a previsão meteorológica. O locutor disse que o tempo estaria muito anormal no dia seguinte, mas que um dia depois voltaria ao normal. Entre mim e Vovô pairava um silêncio que você poderia cortar com uma cimitarra. A única vez em que alguém falou foi quando ele rodou, na minha direção, durante um comercial dos hambúrgueres de porco do McDonald's, e disse:

- Não quero passar dez horas dirigindo até uma cidade feia para cuidar de um judeu muito mimado.

Retirado de: FOER, Jonathan Safran. *Tudo se ilumina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. Páginas 7-15.